

A COZINHA DOS SENTIDOS

Uma roupa, um carro, uma iguaria, um gesto, um filme, uma música, uma imagem publicitária, uma mobília, uma manchete de jornal, eis aí, aparentemente, objetos completamente heterogêneos.

Que podem ter em comum? Pelo menos o seguinte: todos são signos. Quando me movimento na rua – ou na vida – e encontro esses objetos, aplico a todos, às vezes sem me dar conta, uma mesma atividade, que é a de certa *leitura*: o homem moderno, o homem das cidades, passa o tempo a ler. Lê primeiro e principalmente imagens, gestos, comportamentos: tal carro me diz o *status* social do proprietário, tal roupa me diz exatamente a dose de conformismo ou de excentricidade do seu portador, tal aperitivo (uíscue, pernod ou vinho branco com cassis) o estilo de vida do meu hóspede. Mesmo quando se trata de um texto escrito, é-nos continuamente proposta uma segunda mensagem nas entrelinhas da primeira: se leio, em manchete com letras garrafais: *Paulo VI tem medo*, isso quer dizer também: *se você ler a continuação, saberá por quê*.

Todas essas “leituras” são importantes demais na nossa vida, implicam demasiados valores sociais, morais, ideoló-

gicos para que uma reflexão sistemática não tente assumi-las: é essa reflexão que, por enquanto pelo menos, chamamos de *semiologia*. Ciência das mensagens sociais? das mensagens culturais? das informações segundas? Apanhado de tudo que é “teatro” no mundo, da pompa eclesiástica à cabeleira dos Beatles, do pijama de gala aos certames da política internacional? Pouco importa no momento a diversidade ou a flutuação das definições.

O que conta é poder submeter uma massa enorme de fatos aparentemente anárquicos a um princípio de classificação, e é a significação que fornece esse princípio: ao lado das diversas determinações (econômicas, históricas, psicológicas), será preciso doravante prever uma nova qualidade do fato: o sentido.

O mundo está cheio de signos, mas esses signos não têm todos a bela simplicidade das letras do alfabeto, das tabelas do código de trânsito ou dos uniformes militares: são infinitamente mais complicados. Na maioria das vezes, nós os vemos como se fossem informações “naturais”; encontrou-se uma metralhadora tcheca nas mãos dos rebeldes congolezes: aí está uma informação incontestável; entretanto, na medida mesmo em que não se faz menção, ao mesmo tempo, do número de armas americanas em uso entre os governistas, a informação se torna um signo segundo, ela *parte* uma escolha política.

Decifrar os signos do mundo sempre quer dizer lutar com certa inocência dos objetos. Todos nós, franceses, entendemos tão “naturalmente” o francês que nunca nos vem à cabeça a idéia de que a língua francesa é um sistema complicadíssimo e muito pouco “natural” de signos e de regras: da mesma maneira, é necessária uma constante sacudida da observação para ajustar o foco não sobre o conteúdo das mensagens, mas sobre a sua feitura: enfim, o semiólogo, como o lingüista, deve entrar na “cozinha do sentido”.

Isso constitui uma empreitada imensa. Por quê? Porque um sentido nunca se pode analisar de modo isolado. Se estebeleço que o *blue-jeans* é o signo de certo dandismo adolescente, ou o cozido, fotografado por determinada revista de luxo, o de uma rusticidade bastante teatral, e mesmo se multiplico essas equivalências para constituir listas de signos como as colunas de um dicionário, não terei descoberto absolutamente nada. *Os signos são constituídos por diferenças*.

No início do projeto semiológico, pensou-se que a principal tarefa era, segundo a palavra de Saussure, estudar a vida dos signos no seio da vida social e, conseqüentemente, reconstituir sistemas semânticos de objetos (indumentária, alimentação, imagens, rituais, protocolos, músicas etc.). Isso está por fazer. Mas, ao avançar nesse projeto já imenso, a semiologia encontra novas tarefas; por exemplo, estudar essa operação misteriosa pela qual uma mensagem qualquer se impregna de um sentido segundo, difuso, em geral ideológico, a que se chama “*sentido conotado*”: se leio num jornal a seguinte manchete: “*Em Bombaim reina uma atmosfera de fervor que não exclui nem o luxo nem o triunfalismo*”, recebo por certo uma informação literal sobre a atmosfera do Congresso Eucarístico; mas percebo também certo estereótipo de frase, feito de um sutil balanceamento de negações, que me remete a uma espécie de visão equilibrante do mundo: esses fenômenos são constantes, é preciso desde já estudá-los em grande escala com todos os recursos da lingüística.

Se as tarefas da semiologia aumentam sem cessar, é que de fato descobrimos cada vez mais a importância e a extensão da significação no mundo; a significação torna-se o modo de pensar do mundo moderno, algo como o “fato” constituiu precedentemente a unidade de reflexão da ciência positiva.

Le Nouvel Observateur,
10 de dezembro de 1964.